



# Gaiato



Quinzenário • 15 de Junho de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1233 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## FESTAS

Hoje, dia 15, à noite — TEATRO AVEIRENSE

Amanhã, domingo, à noite — COLISEU DO PORTO

Pese embora o atraso na distribuição d'O GAIATO, esperamos que esta breve e última nota sobre Festas, na região Norte, acorde todos os nossos Amigos e os motive a estar connosco em Aveiro e no Porto.

A boa nova correu célere! Mas já que a vida dos homens é tão dispersa, não desejaríamos qualquer ausência por falta de informação.

## Notas da quinzena

A barraca mata as pessoas. Os dois pequenos, aqui falados, iam morrendo, pouco a pouco, na barraca onde viviam. Foram libertados a tempo e horas.

Cruzo-me com eles, todos os dias, na nossa Aldeia de Paço de Sousa. Recolho no coração o seu olhar agradecido pelo bem que ora possuem. Para trás ficou o mundo de miséria que não mereciam; que ia tomando conta deles.

Entregues a um casal que os guardava, recebendo para tal serviço uma pensão da Segurança Social, estavam condenados a ser um peso para a sociedade.

Estes tesouros exigem o maior cuidado e respeito. Se o pai andava pelas tabernas; se a mãe vivia da prostituição; os filhos tinham direito a um cantinho humano. Foram colocados num lugar de morte, entretanto.

Se a pobreza não rouba a dignidade à pessoa, a miséria mata-a lentamente. A sensibilidade para uma vida digna vai desaparecendo. A reacção ao bem não se faz. É a morte.

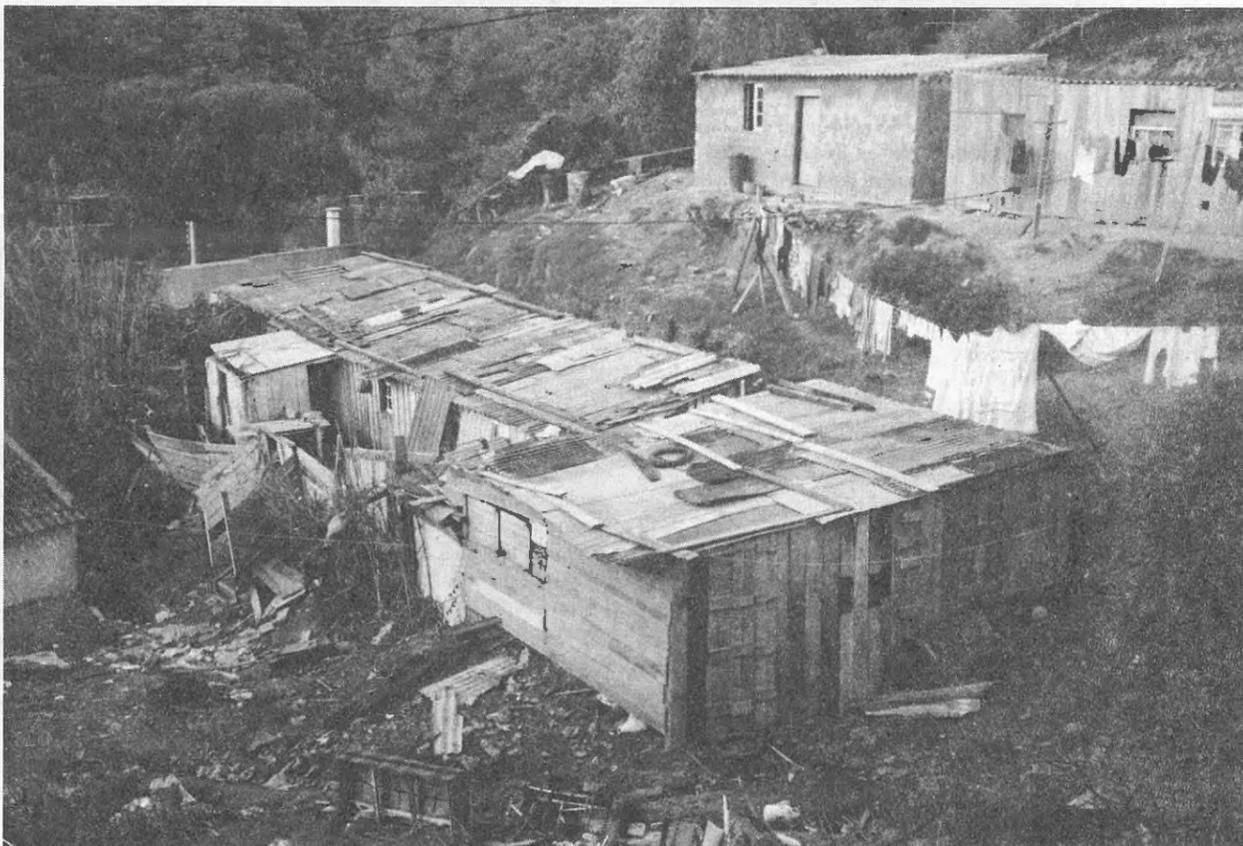
Quem não sofre diante de crianças a viver em situação de miséria?

Quando, há tempos, trouxe para esta coluna o Carlos a quem chamam o «Pintinhas» por ter sido levado clandestinamente de nossa Casa, não perdi a esperança no seu regresso. Ele era nosso com todas as marcas que trazia. Fugiu vezes sem conta da Tutoria. Sabia que o pai o abandonou e foi juntar-se com outra mulher que deixou também. Não sabia o que era ter mãe. A senhora com quem vivia, guardava-o numa barraca imunda. De tão habituado ao lixo não era capaz de se conter numa cama limpa.

Telefonaram, há dias, do Tribunal de Menores de Lisboa a saber se podíamos e queríamos receber o pequeno.

Continua na página 2

**A barraca é sepulcro de seres inocentes!**



## ÁFRICA

Ouvi um dia a um técnico alemão que as margens do rio Lucala, Angola, dariam banana para toda a Europa. Não menos verdade o afirmar-se que as baixas enormes, entre montanhas, do Mussolo ao Luquembo, dariam arroz.

A primeira vez que as atravessei, fiquei deslumbrado com os arrozais verdejantes: alguns, de portugueses que com um simples «tractorito» e muito sacrifício somavam hectares; outros, de angolanos que, movidos por uma lei, cultivavam um hectare por família.

Se «iníqua» para uns; benfazeja, para outros — muito complexo o julgar, atendendo às circunstâncias de tempo, lugar e pessoas.

Será mais conforme à lei moral ou à lei política o «trabalhe quem quiser» e a seguir passar fome?

Passei, de novo, não há muito, nesses vales belos e férteis: somente capinzais! E nos povoados, o ambiente triste da fome.

Momento oportuno e urgente para que a Igreja, pelos seus missionários e catequistas, assumam o dever de implantar com a fé, no coração de cada um, o amor ao trabalho.

«Ganharás o pão com o suor do teu rosto.»

«Quem não trabaça, não manduca» — diziam os nossos avós, com força de lei.

Lá na encosta, numa povoação, está ainda a fábrica do descasque do arroz do amigo Farinha Lopes: O telhado esburacado,

máquinas avariadas e com teias de aranha. Os habitantes da sanzala rodearam-me e quiseram saber notícias do dono, e quando vinha. «Homem bom!», disse um.

E retomei o caminho do Luquembo. Na estrada deserta e no silêncio das matas avalei a pequenez do meu gesto: os sacos de leite, farinha e medicamentos dentro do jipe... Uma gota de água na imensidão ressequida...

Deixemos as reuniões estereis e demagógicas sem fruto... E vamos, munidos de enxadas, ao encontro dos hinos dos frutos na festa das colheitas!

A fé virá.

Deus tem o seu tempo.

Que pai gosta de ver os filhos com fome?!

• Parece ser este o sentido dos «Projectos Integrados» a que Engenheiro amigo está a dar forma.

Um desenvolvimento agrícola capaz, acompanhado pelo amparo hospitalar, escolar e religioso.

Tudo em ordem ao nascimento de projectos familiares que cada família tomará como seu.

A Obra da Rua vai trabalhar em harmonia com estes projectos no Umbeluzi, Moçambique.

Já demos o sim.

Padre Telmo

# PELAS CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• Todos os anos, nesta época, para se manterem conservadas, na medida do possível, as moradias do Património dos Pobres que Pai Américo levantou na década de 50, e são abrigo dos nossos Pobres, temos uma equipa destacada para o efeito. Reparação de telhados. Caixilharia. Caições. Pinturas. O necessário para aconchego dos utentes.

São obras que não podemos descurar! Motivam, inclusivé, um ou outro a ter mais gosto pela sua casa. Alguns, não deixam de pôr em ordem o jardim. Quando as pessoas gostam, a sério, da beleza e odor das flores, é uma fonte de riqueza espiritual. Os Pobres promovem-se por suas próprias mãos. Sem referirmos, evidentemente, naturais problemas humanos que surgem e são parte integrante da nossa acção.

**PARTILHA** — A remessa habitual, do Fundão. Lisboa: «Para assinalar o vigésimo quinto aniversário do nosso casamento — é o casal-assinante 29845 — enviamos uma pequenina oferta (5.000\$00) para alguma necessidade mais urgente duma família em dificuldade, socorrida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Não percam tempo a agradecer. Já nos sentimos recompensados por podermos ajudar alguma coisinha. Se todos dessem um pouco, haveria mais justiça social e menos miséria». Que bem!

Mais uma presença da viúva do assinante 13245, do Porto, «humilde migalhinha por alma de meu filho». E, por fim, «partilha de Abril/Maio» de «uma assinante de Paço de Arcos» — com extraordinária perseverança!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**LAVOURA** — O Meno já semeou o milho. Agora, com a batata a crescer, os campos ficaram todos ocupados.

**DESPORTO** — O nosso futebol tem-se mostrado em razoável forma.

Tomem atenção, caros leitores que integram equipas de futebol, os nossos resultados indicam tudo. No dia 26 defrontámos um grupo do Marco de Canavezes que, no início, se mostrou muito agressivo, mas que infelizmente acabou por levar um enfarte de golos: 13-0.

No fim houve taças para o primeiro e segundo lugares.

Na quinta-feira foi feriado e aproveitámos para defrontar outra equipa. A nossa formação dominou do princípio ao fim e acabou a ganhar, por uma confortável margem de golos: 6-1.

O público que acorreu ao recinto desportivo mostrou-se satisfeito com o resultado, sinal de uma formação mais madura. Desta vez, era do Assento. Tinham um lote de jogadores bem cotados, quase todos eles frequentam outros conjuntos que estão nos lugares cimeiros, nos devidos escalões de futebol. Estivemos a perder por 3-1, mas não desanimámos e a recompensa do esforço foi-se mostrando e repentinamente demos a volta ao jogo e acabámos por ganhar: 4-3.

Quem quiser defrontar-nos é contactar com o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato.

**VISITANTES** — A época de excursões escolares ainda não acabou. E elas não param de vir! Nesta quarta-feira (dia 29 de Maio), foram cerca de 600 alunos de várias escolas, passaram cá o dia e mostraram-se satisfeitos com a nossa Obra. Que assim seja sempre.

**PISCINA** — Este domingo (dia 2), pairava o silêncio no refeitório quando o nosso chefe anunciou que a nova época balnear estava aberta. Foi um alvoroço total, muita alegria e entusiasmo no meio da malta. E, logo de seguida, só se ouvia falar de calções de banho.

«Cebola»

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

**CONVÍVIO EM PAÇO DE SOUSA** — A nossa Associação realiza em 21 de Julho o tradicional convívio anual em Paço de Sousa.

Ali irás ter a oportunidade de rever antigos colegas que se encontram espalhados por todo o País e estrangeiro e que lá irão nesse dia para matar saudades, além de também poderes conviver com os gaiatos mais novos. Será um dia cheio de alegria, podendo ainda, mais uma vez, contemplares a beleza da nossa Aldeia. Como sabes, este convívio serve também para comemorarmos os 35 anos do nosso Pai Américo no Céu — a pedir por todos nós.

Não fates, pois a presença de todos será o mais vivo testemunho da pujança e vitalidade da Obra da Rua, de que todos nós, gaiatos, fomos beneficiados. Vamos procurar para que a festa seja apenas para todos os gaiatos e seus familiares directos; ou seja: esposa, filhos, pais e sogros ou qualquer familiar que viva em comunhão de casa. Evidentemente que se houver um namoro de um filho ou filha, também temos muito gosto que esteja presente. Tudo isto para evitar que qualquer pessoa estranha à nossa Obra e à nossa Família possa, por abuso, apresentar-se para usufruir de tudo quanto a Casa do Gaiato de Paço de Sousa nesse dia põe à nossa disposição.

Queremos lembrar que não esqueças de levar um bolo para a merenda.

**PROGRAMA:** 9.30 h — Chegada a Paço de Sousa e concentração junto à entrada da nossa Aldeia, onde serão entregues autocolantes aos nossos colegas e familiares.

10.00 h — Provas de atletismo: uma corrida com duas voltas ao campo de futebol para todos os miúdos e miúdas até aos 12 anos. Uma outra corrida com o mesmo percurso, para todos, desde os 13 aos 70 anos. As corridas são para os nossos filhos ou netos intercalados com a malta de Paço de Sousa.

10.30 h — Jogo de futebol entre os filhos e netos de antigos gaiatos com rapazes de Paço de Sousa, com idades até aos 13 anos (duração do jogo: 30 minutos). Haverá distribuição de lembranças.

11.30 h — Oferta de flores ao nosso Pai Américo.

12.00 h — Missa, seguida de uma conversa entre todos, no salão, focando aspectos da Associação, seguindo-se o almoço. Também haverá local para pagamento de quotas e inscrição de novos sócios.

Fernando Marques

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Há dias tivemos conhecimento, e também já foi noticiado no *Famoso*, que o velho *casarão* vai finalmente ser demolido. Ficámos também a saber que a maior parte dos seus moradores, que por sinal eram visitados por nós, vão beneficiar de uma casinha mais decente.

É uma grande alegria, não só para eles, mas também para nós, que vivíamos o dia-a-dia dos seus inúmeros problemas, e que problemas...!

Será que todos os *casarões* que existem por aqueles sítios, que albergam centenas de famílias em idênticas condições, também irão ser demolidos? Que bom seria!...

Quando, há dias, visitámos a D. Maria das Dores, queixou-se daquilo que nós vemos sempre que a visitamos. Eles são cinco a viver numa sala que foi dividida, pelos próprios, em platex. Casa de banho, não há. Cozinha, é o corredor, onde toda a gente passa. Do tecto da sala (casa), volta e meia cai um bocado. As janelas metem medo, a cair de podres.

Nós dissemos da nossa dificuldade em lhe poder valer, mas pode calhar que seja mais um *casarão* a ser demolido. Só esperamos que antes disso, não haja nenhuma tragédia, e só então se lembrem que, por lá, também moram seres humanos.

Íamos nós pela calçada abaixo, comentando o assunto e, ao chegar à casa da D. Alzira, ouviu-se um estrondo! Ficámos preocupados com aquele barulho.

Subimos as escadas, já velhas e sujas. Batemos à porta, aberta pela D. Alzira, que chora e diz: «Venham ver o que estas malan-

dras fizeram». Entrámos na casa, que mais parecia uma pocilga. Armário da sala, no meio do chão, vidros partidos, camas por fazer, louça do almoço com os tachos e restos de comida por cima da mesa, enfim, uma desordem total.

Ficámos horrorizados e perguntámos o que tinha sido aquilo.

O sr. Luís quer falar e explicar, mas não consegue fazer-se entender. As miúdas fogem da avó, que lhes quer chegar com uma vassoura. D. Alzira tinha acordado com o estrondo e estava desorientada. Acabaram por ser as miúdas a explicar o que se tinha passado.

Na sua brincadeira, amarraram uma corda à parte superior do armário da sala de jantar. Ao saltar, uma delas embarrou na corda e o armário veio ao chão.

Ralhámos com elas, mas também compreendemos. Crianças daquela idade, todo o dia fechadas em casa... Quem as tem, já sabe como é.

Há pouco tempo tínhamos prometido que mal nos dessem uma mobília de sala de jantar, esta seria para eles. Agora, temos receio. Ao mesmo tempo, pode servir de estímulo e assim passem a ter mais cuidado. Vamos esperar que apareça a mobília.

Preocupa-nos bastante o viver daquela família. D. Alzira via mal e há dias foi operada a uma vista. Mas parece que as melhoras não são muitas. O marido, lá está sentado, sem se poder mexer nem falar. Desta vez, tinha a barba feita pela sua mulher.

Lembramo-nos de que, se aquela velhinha falta, que será daquela gente?...

A mãe dos pequenos anda por lá com a mais pequenita. De tempos a tempos, lá vem ficar a casa. A mãe diz que sofre da cabeça e não regula bem.

Que Deus, nosso Pai, tenha compaixão.

Casal vicentino

# ANGOLA

## Acordo de paz

### Sua incidência em nossas Casas de África

Foi com bastante alegria que nós, das Casas do Gaiato em África, em particular, assistimos à assinatura do acordo de cessar-fogo, entre o Governo angolano e a UNITA. De facto, há muito que nos havíamos apercebido que a guerra em Angola, apesar de todas as justificações políticas e ideológicas, não tinha mais razão de ser sustentada. Afinal, de ambos os lados da trincheira, combatiam angolanos! Esta verdade veio ao de cima de forma crua, quando foi decretado o cessar-fogo. Ambos os contendores abandonaram as suas trincheiras e armas e abraçaram-se efusivamente. Muitos choraram, assim como também choraram muitas mães que perderam os seus filhos numa guerra que poucos quiseram, mas que muitos sustentaram e até alimentaram!

Esta guerra tinha necessariamente que deixar cicatrizes, algumas das quais muito difíceis de serem curadas! Em face deste quadro aterrador, depressa renasceu em nós a esperança de voltarmos a reerguer, em África, a Obra de Pai Américo.

Em Angola e Moçambique, dois países devastados pela guerra, muito trabalho terão de realizar as Casas do Gaiato. As cicatrizes da guerra, reconhecemos, só serão curadas se as crianças, principalmente, tiverem um acompanhamento familiar que lhes permita encarar o

futuro com maior segurança. Ao longo de todos estes quase dezasseis anos de guerra, aprendemos, e de que maneira!, que só os discursos e as promessas sempre cheias de boas intenções, não são suficientes para alterarem uma situação que se mostra catastrófica em todos os aspectos.

Neste momento, precisamos de acção e de menos discursos. Estamos conscientes que muito se terá de fazer para reerguer as Casas do Gaiato de Moçambique (Maputo, ex-Lourenço Marques) e de Angola (Benguela e Malanje). Mas o que nos anima, é o facto de estarmos a con-

tribuir, de forma decisiva, no sentido de que cada angolano ou moçambicano, mais desamparado pela sociedade, encontre, na Obra da Rua, um lar. Apelamos, por conseguinte, aos homens de boa-vontade, que nos ajudem a levar por diante este grande desafio que, nos primeiros anos de Paz, irá exigir a contribuição de todos.

Os vestígios da guerra só serão apagados da memória quando cada homem, cada criança, tiverem um lar onde possam desfrutar do aconchego familiar. Esta será a nossa grande aposta em África.

David Eduardo

## Notas da quinzena

Continuação da página 1

Na tarde seguinte estava no refeitório a comer connosco à nossa mesa. Que maravilha! Se virdes o Carlos haveis de gostar tanto dele como gostais dos vossos filhos. Acredito no mistério da Ressurreição dos mortos! A barraca é o sepulcro destes seres inocentes. Voltam à vida pela força do Amor. Assim há-de ser no fim dos tempos. Quem quiser provar a sua fé meta-se por estes caminhos, que os mistérios entendem-se pela vida, pela experiência.

Num destes domingos fui testemunha de mais um grande acontecimento. Foi a inauguração de cinco moradias mandadas construir e acompanhadas por um grupo de cristãos — o Bom Samaritano. As barracas desapareceram, ficando em seu lugar moradias airoas, simples, bem divididas, com lugar para os pais, filhos e filhas. Assim aconteceu na freguesia de Pedroso, às portas da cidade de Vila Nova de Gaia. Cinco famílias entraram no que era seu pela mão da Justiça e da Caridade. Agora é impossível parar. O mais difícil foi acreditar antes de ver. Todos perceberam que, quando se constrói primeiro no coração, nasce uma obra grande e fica a semente para tantas quantas forem precisas.

Padre Manuel António

# Contrastes

A impressão mais chocante, quando cheguei a uma cidade do interior brasileiro, veio do aspecto esquelético das pessoas. As crianças até me pareciam envelhecidas.

Pirenópolis foi a segunda cidade do Estado de Goiás, na época do ouro, há dois séculos e meio. Da sua grandeza atestam ainda hoje as suas três igrejas, construídas em «taipa», isto é, com terra batida e, por isso, de paredes com um metro de espessura. A matriz é sumptuosa, com tecto em abóbada todo pintado. O altar-mor, com talha dourada. Imagens de grande valor certamente levadas de Portugal. Houve outra igreja chamada dos escravos que já não existe.

O solo é riquíssimo em minérios, sobretudo ouro, que apenas continua a ser extraído das areias do rio chamado das almas. Há minas várias, nos flancos das serras, paradas desde a extinção da escravatura, vai um pouco mais de um século. Ninguém lá entra com medo de «lobisomens» e onças, disseram-me. Na encosta da serra chamada dos pirinéus é extraída pedra para revestimento em muitas cidades do Brasil. No

município há muitas fazendas onde se cria o gado e se cultiva o suficiente de arroz e feijão para manter viva uma população de pouco mais de dez mil habitantes. Não se vê uma horta, quase não há um campo de milho.

Desde as primeiras horas da manhã — cheguei a encontrá-los às quatro — já param os homens pelas ruas, sentados nos calcanhares ou na soleira das portas. Dizem que o goiano se levanta muito cedo, para ficar mais tempo à toa.

As crianças, fora das horas da escola, andam pelas ruas, algumas a vender «picolé», outras em pequenos serviços. No tempo das colheitas vão ajudar os pais contratados, para trazerem o necessário em arroz e feijão ao seu alimento do ano inteiro. Mais de duas centenas passam o dia na creche.

Os jovens, lembro-os com tristeza, muitos deles, desde o alvorecer até bem de noite, ficam a jogar a bola num campo pelado à beira do rio. Nos fins-de-semana, muitos outros das cidades maiores, Brasília e Goiânia, se lhes vêm juntar. Tomam banho, drogam-se e levam as moças, mesmo adolescentes, à prostituição.

É uma cidade que, pela sua beleza natural, encantou o «movimento hippie», que constitui uma comunidade à parte. Subiram a serra e, numa fazenda acolhedora, cultivam as suas hortas e fazem o artesanato que, bem

vendido nas grandes cidades, lhes permite desfrutar uma vida naturalmente sadia, mas à sua maneira. São bem acolhidos, embora tenha havido quem não gostasse.

Parece que a vida parou ali, cem anos atrás. As palavras da bandeira da República, Ordem e Progresso, não desceram ainda àquele chão.

O tribunal da comarca, há cinco anos sem juiz, acumulou mil e quinhentos processos crime. Uma juíza e uma promotora, destacadas ali durante um ano, levaram à barra do tribunal os réus de cerca de mil processos. Num dia de cinco julgamentos desses, dizia a promotora a chorar, não teve uma só condenação. A juíza mais tarde confidenciou-me que se pegassem nos seiscentos restantes poria a cidade em «fogo». Preferiu deixá-los na gaveta à espera dum juiz audacioso, ou simplesmente prescreverão por decurso.

Toda a gente anda armada, se é muito pobre somente com o facão do mato ou a «peixeira». Foi assim que o Sandro, um dos moços que lá tive, com apenas doze anos, atingiu gravemente um garoto da sua idade numa briga de rua. Que saudades eu tenho do Sandro! Aprendeu com o pai. Ele chegou a tentar matar a menina que eu tinha ao colo.

«A minha cara está cheia de marcas do facão» — dizia a mãe como argumento para nunca mais querer ver o filho. A cachaça de cana é café da manhã, muitas vezes por todas as refeições do dia e, por isso, a atenuante de muitos crimes.

P.e Zé Maria

# SETÚBAL

digna e lá se instale a família. É urgente fazer justiça. O resto virá. Se for preciso, alvitrava a uma embaixada — um grupo de vicentinas: — Vou convosco, descalço e calças arregaçadas, para escandalizar, bater de porta em porta e receber humildemente o sim e o não e arranjaríamos os seis mil contos necessários à compra da casa. Para os animar e estimular o prior, comprometi-me a dar-lhes para esta família os primeiros mil contos. Prega, padre. Prega nas Missas, nos funerais e nos casamentos. Olha que esta é a justiça do Reino dos Céus. É urgente pregar o Reino dos Céus. Um cristianismo que O não pregue destrói-se e destrói a fé verdadeira. É necessário sermos audazes como o Mestre, e deitarmos abaixo com o nosso exemplo e vida tantas barreiras religiosas que ocultam a verdadeira face de Jesus.

Era o terrível período das chuvas que, em determinadas noites, não lhes deixou um fio enxuto, obrigando os infelizes desalojados a procurar abrigo noutras paragens.

As crianças andam na escola. As filhas mais velhas estudam e trabalham. Os mais pequenos apresentam-se sempre limpinhos. Pela grandeza e heroicidade da mãe nenhum se marginalizou. Os acomodados criticam. Fecham-se. Acusam. Várias vezes, os pedidos para receber os pequenos chegaram às portas da Casa do Gaiato. A mãe nunca quis. Que maravilhosa mãe!

O prior fez como lhe aconselhara. Pregou em toda a parte e disse da nossa dádiva. Alguns escanda-

lizam-se: «O Padre Acílio só se prejudica com estas coisas. Então ele anda a pedir e dá?» Como se alguma vez tivesse sido doutra maneira!... Como se a Casa do Gaiato não vivesse sempre ao nível dos Pobres! Como se a gente não quisesse somente o pão de cada dia! Como se não tivéssemos experimentado, milhares de vezes, esta verdade eterna e revelada por Deus em cada página da Bíblia: quanto mais se dá mais se tem. O prior foi-se ao dinheiro que havia amealhado para a construção de uma nova igreja num grande aglomerado populacional sem nada e, com ele, compron a casa!

Largo e evangélico gesto! É a primeira pedra do alicerce seguro de uma verdadeira Igreja!...

Não foi preciso vender as alfaías preciosas do altar para acudir aos Pobres como manda o Papa! Ainda não foi! Mas este é o primeiro passo.

Tantos que andaram atrás dele nesta segunda visita esquecem-se destas recomendações e pensam que as flores e as palmas bastam para O aplaudir!

O senhor Bispo também partilhou. Os vicentinos não se cansam de pedir e, acordando muitos adormecidos, encetaram um caminho novo, animando e animando-se conseguindo já uma boa ajuda! Assim a Igreja faz o que ninguém se atreve a realizar. Assim prega o Evangelho aos pobres... aos ricos e aos remediados.

Assim proclama que o Amor de Deus incarnou e está vivo no Seu coração com Cristo Ressuscitado! Padre Acílio

## Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho das Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

**DOUTROS AUTORES:** Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

★  
Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

## DOUTRINA



...que germina sem o mundo dar conta

• Este ano não venho pedir-te que me livres dos cães da Sofia e da Auto-Industrial e da Loja Transmontana, todos maiores e mais valentes do que os do ano passado; não que eu esteja devidamente armado para me defender deles, mas sim porque outra necessidade mais alta se levanta: a Casa do Gaiato Pobre, um canzarão de perto de cinquenta mil escudos! Dentro em breve conto lançar um apelo em forma aos homens de coração

da cidade de Coimbra, para estes me auxiliarem no pagamento da casa e mais responsabilidades contraídas por amor dela. É um caso tão singular, tão fora do uso e dos cálculos do mundo, isto de haver gente que edifique para os Pobres, que bem se pode classificar as algibeiras de todos quantos dele tiverem notícia. Hei-de-me apresentar diante de ti com a fraqueza e a indigência do mendigo que estende a mão e que aceita de boa mente o que se lhe dá, sem pena nem inveja das mercês que Deus faz a outrem; e também com a carga dos Oprimidos, como se minha fora.

• Bem fazes, edificando para ti casas de conforto e de rendimento; eu, porém, não troco por nada desta vida a riqueza de as não possuir e o desejo de as levantar para os Pobres.

• É para uso e benefício de crianças das famílias sem nada, esta casa e quinta que vamos pagar. Por isso mesmo escolheu-se local acessível e conveniente, com vistas para a serra e pinheiros ao redor. Deve estar aberta e à disposição dos pequeninos beneficiados durante todos os dias que o ano tem, para receber qualquer

um que se apresente com pulmões de papel de seda, sem cura no tugúrio nem lugar nos hospitais. Podemos assim prevenir a tempo e horas males certos, de cura duvidosa; e fazer o Bem como quem brinca, levando as crianças a salvarem a sua própria vida na realidade objectiva da vida campestre, a guardar ovelhas e a comer queijo.

• Não me chames insensato por me haver lançado em semelhante empresa sem capital suficiente para ela; nem me acuses de te meter em trabalhos para acudires aos meus. Não.

Quanto a capital, eu tenho o necessário: o conhecimento prático da vida do Pobre e o desejo de o auxiliar. Em toda a parte e em todos os tempos, ninguém que constrói para Pobres usou nunca outras matérias que não fossem a penúria pessoal e o desejo de aliviar a dos Outros. Não me chames insensato. Abre-me as portas de par em par e lança o teu óbulo sem arrependimento.

*P. Acílio*

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

# «Rerum Novarum»

O esclarecimento que Jesus presta aos fariseus escandalizados, conforme nos relata o Evangelista Marcos, lido neste domingo nono do *tempo comum*, sublinha o lugar central que o homem tem no pensamento de Deus: «O Sábado foi feito para o homem e não o homem feito para o Sábado». Tal como para o homem fora feito tudo quanto foi feito nos dias da Criação.

Este querer de Deus ao homem — «a única criatura sobre a Terra a quem Ele quer por si mesma» — é o fundamento da dignidade do homem, «do valor único da pessoa humana», porque só nela «Deus gravou a Sua imagem e semelhança», conferindo-lhe «direitos que não são correlativos a qualquer obra por ela realizada, mas derivam da sua dignidade essencial de pessoa».

Esta «correcta concepção do homem serve de linha condutora da Encíclica de Leão XIII e de toda a doutrina social da Igreja», afirma João Paulo II. E me parece o primeiro de todos os princípios a iluminar a reflexão de pessoas e de grupos que se preocupam com a Justiça Social; e, também, a intervenção do Estado, o qual não deve esquecer «o seu carácter de instrumento na solução da questão social, já que ele existe para promover o bem comum e, para tal, tem de tutelar os direitos do indivíduo, da família, da

sociedade (que lhe são anteriores), mas sem os sufocar».

A «Rerum Novarum» aparece em defesa do homem, sobretudo dos mais fracos e menos defendidos, entre os quais, então, se contavam os operários. Por isso, adverte o Estado: «Na tutela destes direitos pessoais, tenha-se uma atenção especial para com os débeis e os pobres. A classe dos ricos, forte por si mesma,

tem menos necessidade de defesa pública; a classe proletária, carente de um apoio próprio, tem necessidade especial de o procurar na protecção do Estado e o Estado o dever preferencial de lhe dirigir os seus cuidados e as suas providências».

Estas palavras têm, cem anos depois, a mesma actualidade, «sobretudo em face de novas formas de pobreza existentes no mundo». E

«qualquer sã organização política» tem obrigação de estar atenta e de intervir em favor dos membros mais indefesos da sociedade.

«Leão XIII não duvidou ser dever seu intervir, em virtude da missão recebida do próprio Jesus Cristo, de *apacentar os cordeiros e ovelhas*», acautelando-as de lobos depreadores; e por força «do seu ministério apostólico de *ligar e des-*

*ligar na Terra, para o Reino dos Céus*».

A «Rerum Novarum» foi um acto corajoso de Leão XIII porquanto o conceito reinante era de que o mundo trataria desta vida, «à qual a Fé devia permanecer estranha»; e a Igreja que se dedicasse a uma salvação puramente ultra-terrena. Foi um acto corajoso e decisivo porquanto, ao publicar a Encíclica, «o Papa conferiu à Igreja quase um *estatuto de cidadania* no meio das variáveis realidades da vida pública».

Em verdade, o homem, para quem Cristo veio e a cujo serviço a Igreja permanece, é portador de uma vida que decorre no *tempo* mas é dirigida à *eternidade*. São duas fases distintas mas não descontínuas de uma única vida. E é a segunda que ilumina e dá sentido à primeira. Por isso, «a Igreja tem a sua palavra a dizer perante determinadas situações humanas para as quais formula uma verdadeira doutrina que lhe permite analisar as realidades sociais, pronunciar-se sobre elas e indicar directrizes para a justa solução dos problemas que daí derivam». (...) «Para a Igreja, ensinar e difundir a doutrina social pertence à sua missão evangelizadora». (...) «E a nova evangelização, da qual o mundo moderno tem urgente necessidade, deve incluir, entre as suas componentes essenciais, o anúncio da doutrina social da Igreja, tão idónea hoje como no tempo de Leão XIII, para indicar o recto caminho de resposta aos grandes desafios da idade contemporânea, enquanto cresce o descrédito das ideologias. Como então, é preciso repetir que, fora do Evangelho, não existe verdadeira solução para a questão social; e que as coisas novas podem encontrar nele o seu espaço de verdade e a devida avaliação moral» («Centesimus Annus»)

Aquele conceito reinante há um século ainda se não diluiu completamente, mas vai perdendo a voz. Alguns, mais obcecados, ainda queriam a Igreja fechada na sacristia e o mundo a tratar do mundo. Porém, as experiências falhadas ao longo dos cem anos passados, desacre-

ditaram ideologias e sistemas e vão convencendo os homens de recta intenção de que só a justiça, sinceramente procurada por cada homem, é pista autêntica para a Justiça Social. E a que outra fonte há-de ir beber o homem que se procura justo, senão à «fonte de águas vivas que jorra para a eternidade»?

Dafí o desabafo — já lá vão uns trinta anos! — que eu ouvi em N'Dalatando de um homem ansioso da Justiça: «Eu não sou crente. Mas, a não ser da Igreja, não vejo mais de que possa esperar!»

Padre Carlos

## Tribuna de Coimbra

A Imprensa trouxe mais duas notícias escaldantes: «Detida a mãe de uma criança encontrada morta». «Casal morto à paulada».

Na primeira, «foi a própria mãe quem atirou a criança à poça pouco depois do parto, embrulhada numa peça de roupa. A detida tem já um filho, é solteira e demonstra algum atraso mental».

Não sabemos o que irá fazer a Justiça. A mãe, atrasada mental, solteira e já com um filho, foi detida. Matou. É culpada. E o homem que gerou? Ou os filhos nasceram por geração espontânea? Quem procura o progegnitor? Qual terá mais culpa? Quem se incomoda com isso?

Fiquei sempre com uma ferida no coração quando soube que naquela aldeia a rapaziada abusava duma demente. Parecia uma matilha de cães à volta daquela pobre mulher com um filhinho nos braços.

A segunda notícia é de um casal morto, há uma semana, na barraca miserável onde se encontrava. Um homem e uma mulher que se juntaram. Vidas ensombradas pela prostituição e outras aventuras. A notícia diz que foi um filho dela que os matou.

Vieram a nossa Casa funcionários do Tribunal de Menores ver a possibilidade de acolhermos outro filho dela. Tem treze anos e

é muito marcado pelas carências familiares. Desde pequenino que tem mostrado sempre relutância pela companhia da mãe. Sempre a separar-se dela. Com a notícia da morte ainda ficou mais traumatizado.

Neste momento ainda não sabemos a resposta a dar. As muitas marcas negativas. O atraso escolar. A idade adolescente. A nossa falta de capacidade humana. Tantas coisas em que pensar!

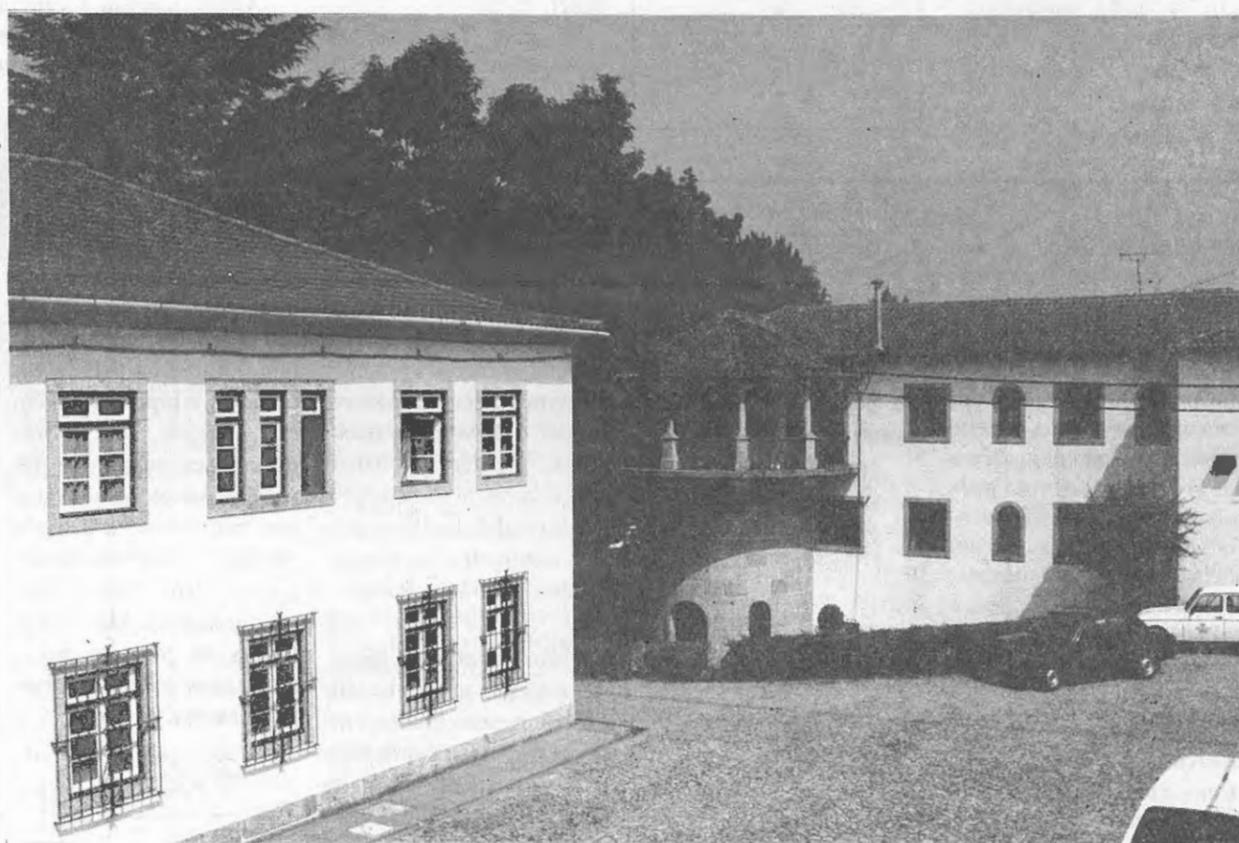
Temos em nossa Casa um estendal de vidas assim. As experiências que eles já trazem. O que eles vêm ensinar aos outros. A prostituição. O roubo. Os palavrões. A provocação. Andamos aflitos.

Calou-me muito na alma o desabafo daquele nosso rapaz, sentado à mesa de sua casa: «Sabe que vou herdar uma propriedade do homem que dizia ser o meu pai? Preferia muito mais que ele, antes de morrer, me tivesse perflhado».

Não sei a causa que levou o filho a matar a mãe e o amante dela à pancada. Não quero ajuizar as razões de cada um. Mas não podemos deixar de defender que os filhos têm todo o direito ao amor dos pais.

A violência, por vezes, também alerta a justiça.

Pade Horácio



São belos todos os cantos e recantos da nossa Aldeia!

## CARTAS

«O GAIATO ajuda muita gente; até a mim, cada vez que o leio, pois não há vez que não chore e me sinta pequenina, ou em outros momentos tão rica na minha pobreza que nem tenho palavras para agradecer ao bom Pai tudo o que me tem dado.

Tenho dois filhinhos e um marido maravilhoso, até tenho medo de tanta felicidade!

Que Nossa Senhora me proteja e nos defenda dos males do mundo.

Assinante 44253».

☆☆

«Sou uma das que, ao receber o vosso jornal, com ele na mão digo: — Aqui está o melhor jornal do mundo.

Todos deviam ler. Leio-o todo, sempre com os olhos correndo lágrimas.

Zé Ninguém».

☆☆

«Envio um cheque em nome de meu pai.

É a mesma coisa, somos família!... Somo-lo de verdade e O GAIATO enriquece-nos muito. Bem hajam.

Assinante 43224»

☆☆

«A minha mãe é pensionista e gosta muito de ler O GAIATO. Foi através de uma notícia nele inserida que ficou informada que as viúvas dos funcionários públicos tinham direito a uma pensão de reforma (isto já há anos). Então, sempre que fala na reforma que tem, do meu pai, refere que a usufruiu graças a uma notícia que leu n'O GAIATO.

Assinante 52736».



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239